

# CLIPPING

**Veículo:** Globo Amazônia **Data:** 28/ 08 /2009 **Pág.:** Online

**Inpe: um quinto da floresta amazônica desmatada tem alguma regeneração**  
*Floresta secundária tem menor biodiversidade.*  
*Instituto inaugura novo centro regional em Belém.*

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) fez um mapeamento da vegetação secundária (aquela que surge após o desmatamento) nos estados do Pará, Amapá e Mato Grosso, e concluiu que cerca de 20% das áreas devastadas apresentam regeneração da mata em algum grau.

O levantamento faz parte de um estudo que estará completo para toda a Amazônia Legal até o final do ano. Segundo o pesquisador Cláudio Almeida, chefe do recém-criado Centro Regional da Amazônia (CRA) do Inpe, o instituto vai fazer um acompanhamento anual das florestas secundárias, para conhecer sua evolução. “Essa informação pode ser utilizada no cálculo de biomassa”, informa. A questão do carbono que integra a biomassa das florestas é importante na discussão sobre as emissões de gases causadores de efeito estufa.

No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, a regeneração em um quinto da área não significa que a floresta amazônica esteja se recompondo de forma significativa ou definitiva. De porte menor e com biodiversidade reduzida, essas matas secundárias em muitos casos voltam a ser destruídas após alguns anos, pois se situam em áreas próximas às de agropecuária. “Alguns estudos aponta que para recompor a floresta original pode levar até 300 anos”, explica Almeida.

Ainda assim, aponta o pesquisador, elas têm alguma função na conservação da biodiversidade, pois servem de habitat para diversos tipos de plantas e animais. Este mapeamento da regeneração florestal em tão larga escala é inédito. Ele é feito com base nas mesmas imagens dos satélites Cbers e Landsat que são usadas para o levantamento anual de desmatamento, o sistema Prodes.

## **Novo centro**

Os resultados sobre a floresta secundária são apresentados pelo Inpe por ocasião da inauguração do CRA, nesta sexta-feira (28), sediado em Belém, que futuramente deve concentrar todas as atividades do instituto relacionadas à floresta amazônica. “Estamos numa fase de transição, mas temos a expectativa de que, em no máximo 5 anos, possamos trazer para cá todo o monitoramento [da Amazônia, feito atualmente em São José dos Campos]”, explica Almeida. “Estamos formando equipe aqui.

No momento temos 12 pessoas, mas queremos chegar a 40 ou 50 pessoas”, diz o chefe do CRA. O centro também deve receber pesquisadores estrangeiros, em especial da África, para conhecerem as tecnologias de monitoramento desenvolvidas pelo Inpe. Em acordo com a China, o Brasil ofereceu as imagens do satélite sino-brasileiro Cbers para os países do continente africano.